

OS 
AVENTUREIROS

O ENIGMA DA LAGOA

ISABEL RICARDO

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: TIAGO DA SILVA
ILUSTRAÇÕES DE INTERIORES: ISABEL ALVES

OS AVENTUREIROS ESTÃO DE VOLTA!

Vem conhecer OS AVENTUREIROS: Bia, João, Daniel, Cris e Tó Jú.

A coleção que transporta os leitores para aventuras excitantes em lugares fantásticos. E, para além de cativar os jovens para a leitura, ainda ajuda à divulgação do património português.

Com narrativas repletas de ação, humor e mistério, estimula a imaginação, e esse é um dos motivos por que os professores a recomendam, principalmente para os 5º, 6º e 7º anos. Cativando diferentes idades, OS AVENTUREIROS já apaixonaram milhares de leitores desde 1999, que se tornaram fãs incondicionais e transmitem essa paixão às novas gerações.

Junta-te aos AVENTUREIROS e mergulha nestas aventuras empolgantes.

Mas, cuidado: não vais conseguir parar de ler!

Para saberes mais sobre estes jovens destemidos, consulta a página da autora: www.isabelricardo.com e visita a página de Facebook:

www.facebook.com/SerieOsAventureiros

E-mail para leitores: aventureiros@isabelricardo.com

E-mail para professores: encontroscomaautora@isabelricardo.com





PREFÁCIO

Queridos leitores, este é o terceiro livro da coleção OS AVENTUREIROS. Embora pertença a uma série, são independentes uns dos outros. Continua-se nele as aventuras de Tó Jú, Bia, Cris, Daniel e, claro, o *João* que é um corvo que fala.

Os livros anteriores são: OS AVENTUREIROS NA GRUTA DO TESOURO e OS AVENTUREIROS NO RIO SUBTERRÂNEO.

Este livro era para ser passado entre a Lagoa de Óbidos, a de Valado dos Frades e a de Pataias, a pedido das turmas destas escolas. A história já estava toda na minha cabeça. Mas qualquer pessoa que vá à encantadora Vila de Óbidos apetece-lhe ficar para sempre. Mal entrei, fui invadida por um turbilhão de ideias. E então, quando fui à lagoa e ouvi a lenda dos *Musaranhos*... O livro ganhou vida própria e estragou-me os planos. Percebi que teria de escrever aquela aventura e, assim, o livro foi passado inteiramente na Lagoa e Vila de Óbidos.

Mas quanto aos meus amigos de Valado dos Frades e de Pataias, não me esqueci deles e fica prometida a tal aventura que eu tinha na cabeça e que já estava começada. Tenho a certeza de que irão adorá-la também.

Tudo o que escrevo acerca dos problemas que a Lagoa de Óbidos atravessa, infelizmente, é verdade. Neste momento ainda é possível salvar alguma coisa, sensibilizando as pessoas com poderes para preservar a lagoa. Vocês é que podiam dar uma ajuda, convencendo os vossos colegas a salvar a lagoa, não a poluindo. Falem junto dos professores e mandem cartas para conseguirmos isso.

Percorri os mesmos sítios que os nossos amigos AVENTUREIROS e só vos desafio a fazerem o mesmo. Vão adorar!

Tal como os livros anteriores, OS AVENTUREIROS E O ENIGMA DA LAGOA está recheado de situações de perigo, à mistura com muita aventura e ação, suspense e humor, tal como vocês apreciam.

Espero que gostem tanto deste livro como gostaram dos outros.

São os desejos da vossa amiga

A handwritten signature in black ink, reading "Isabel Ricardo". The signature is written in a cursive, flowing style with a long horizontal stroke at the end.

Um grande abraço a toda a pequenada fantástica e professores espetaculares que conheci na iniciativa “Roteiro com um Escritor”, em Leiria: E.B. de Bouça, E.B. da Cruz da Areia, E.B. de Arrabalde, E.B. da Gândara dos Olivais, E.B. de Santa Catarina da Serra, E.B. Dr. Correia Mateus e aos Centros Escolares de Parceiros, Barreira e Monte Redondo.

O meu carinho aos alunos e professoras da E.B. de Alvega, Abrantes. À E.B.1/J.I Ary dos Santos e E.B.1/J.I da Caneira, E.B.1/J.I Joaquim de Almeida, Montijo. Ao Complexo Escolar dos Arcos e Complexo Escolar do Alvito, Óbidos, Centro Escolar de Santo Onofre e Centro Social Paroquial de Caldas da Rainha, Centro Escolar nº2 de Rio Maior e Centros Escolares de Benavente, Samora Correia, Porto Alto, Cadaval e Gandra, Paredes.

À E.B./S Luís de Camões, Constância, E.B. 2,3/S de Arga e Lima, Viana do Castelo, E.B. 2,3 Damião de Góis, Lisboa, ao Agrupamento de Escolas Verde Horizonte, Mação, e à E.P.D.R.A de Mouriscas, Abrantes.

O meu agradecimento ao António, à Inês, às duas Margaridas e ao Pedro, da E.B. 2, 3 Nuno Gonçalves, pelo poema sobre os AVENTUREIROS; à professora Vanessa Catarino, da academia de música “*Music and Soul*”, pela composição da música, criando uma canção fantástica; ao Alexandre, à Júlia, à Maria João, ao Diogo, ao Tiago, ao António e ao Michael, que a tocaram; à Leonor, à Madalena e ao Martim que a cantaram. Foi um presente deveras especial.



CAPÍTULO I

Lagoa! Aí vamos nós!

O comboio embalava-os, agradavelmente. Daniel ia com a cabeça de fora da janela. Era a primeira vez que viajava de comboio e estava encantado com a experiência. Um corvo de penas tão negras que até ganhavam reflexos azuis pousou-lhe no ombro, apitando-lhe ao ouvido. O rapaz riu-se, divertido e agradado com a preferência dele.

— Que belo dia que está! — exclamou Cris, bem-disposto. Era um rapaz calmo, de catorze anos, muito louro.

— Olhem! Que casinhas tão giras! — exclamou Bia, apontando para a rua, encantada. Contava treze anos, de rosto muito bonito e alegre.

Bia e Cris eram irmãos e primos dos outros dois rapazes que os acompanhavam. Tó Jú, de catorze anos, e Daniel, de doze, eram irmãos e viviam na Nazaré. Tinham-se conhecido nas férias do verão passado, onde tinham vivido uma aventura empolgante.¹ De início, não se tinham dado lá muito bem, mas tinham acabado por ficar amigos.

— Se a *Binha* visse aquela casa velha, ia ficar doida com ela! — observou Tó Jú, com um sorriso.

«Ora bem!», fez o corvo, terminando com um espirro. *João* pertencia a Bia e eram inseparáveis.

Eles riram-se.

O revisor ficou espantado ao ver o corvo e depois começou a rir. *João* imitou-o logo, fazendo-o rir ainda mais.

— Esse corvo é muito engraçado! — comentou, sem tirar os olhos dele e, quando este começou com uma série de

¹ N° 1 da coleção: *Os Aventureiros na Gruta do Tesouro*. (Nota da Autora)

espirros e soluções fingidos, ainda se riu mais. Teve de se ir embora, agarrado à barriga.

— És um doido, *João!* — criticou Bia, dando-lhe um pedaço de pão. Curiosamente, *João* recusou. Gostava mais do fiambre. A pequena riu-se e deu-lhe um bocadito de fiambre.

— Seu espertalhão!

— Estava a ver que este dia nunca mais chegava. Acho que dei mais de mil voltas na cama! — exclamou Daniel, excitado.

Tinham chegado as férias da Páscoa e com bastante calor. Até parecia que estavam no verão. Haviam decidido acampar na Lagoa de Óbidos. Sentiam-se bem-dispostos. O ar estava quente e cheirava a primavera, e com um par de semanas de férias pela frente, sem professores, nem testes. Haveria coisa melhor?!

— Também me aconteceu o mesmo. Só enumerava as coisas todas para ter a certeza de que não me tinha esquecido de nada — admitiu Bia, entre duas dentadas esfomeadas. Olhou para o primo mais velho ocupado também a mastigar, furiosamente, uma sandes de queijo. — E tu, Tó Jú? Não te esqueceste de trazer o teu inalador?

Tó Jú deu uma palmadinha no bolso das calças, piscando-lhe o olho.

— Não me esqueci, mas acho que não devo precisar. Mas por via das dúvidas...

O rapaz sofria de bronquite e por vezes precisava de usar o inalador, ou a *bomba*, como ele lhe costumava chamar, para evitar crises. Felizmente, nos últimos tempos não precisara de o usar, o que o enchia de satisfação.

— Não nos podemos esquecer também de mandar uma mensagem todas as noites, para que os nossos pais saibam que está tudo bem. Foi com essa promessa que nos deixaram vir sem nenhum adulto — recomendou Bia, com um sorriso, olhando principalmente para o irmão e para o primo mais velho, pois

eram eles que traziam os telemóveis, já que os pais ainda não tinham autorizado os mais novos a andarem com um.

Tó Jú fez um ar muito cómico.

— Sim, mamã. Prometemos não nos esquecer, embora eles saibam que ao fim de algum tempo ficaremos sem bateria...



— Nem sequer sabemos se teremos rede na lagoa! — lembrou Cris. Ao ver o sobressalto dos outros, acrescentou: — Mas o pai sabe disso e se vir que não damos notícias, já sabe que no dia seguinte arranharemos maneira de os contactar. Por isso, agora é só relaxar e aproveitar...

A viagem foi rápida. Quase não deram pelo tempo passar até o comboio parar na Estação de Caldas da Rainha. Essa então tinha bastante movimento comparada com a de Valado dos Frades e a de S. Martinho do Porto. Um comboio partia na direcção oposta, enquanto outro passava devagarinho ao lado deles.

João ficou completamente tresloucado com tantos apitos. Cada comboio que entrava na estação, ele sentia-se no dever de imitar o apito, e tinham de tapar os ouvidos. Nem mesmo Bia conseguiu fazer alguma coisa dele. A maioria dos passageiros acabou por mudar de carruagem.

— O *João* está nas suas sete quintas! — notou Cris, rindo.

Pouco depois, o comboio arrancava novamente com o seu interminável e agradável balanço. A paisagem ia desfilando rapidamente e o barulho que o comboio fazia relaxava-os, dando-lhes sono.

— Estamos a chegar a Óbidos!

— Reparem naquela igreja! É espetacular!

— É totalmente diferente de todas as que vi até hoje!

— É a Igreja do *Senhor da Pedra*! — informou Cris, também encantado. — O meu pai falou-me nela.

Avistaram o orgulhoso Castelo de Óbidos, lá no alto, dominando a paisagem ao longe. Quase ficaram sem fôlego de tão bonito que lhes pareceu, com as suas torres e as imensas muralhas rodeando a vila, parecendo querer escondê-la dos olhares alheios.

— Espetacular!

O comboio abrandou a velocidade ao aproximar-se da estação que, curiosamente, parecia estar ao abandono.

— Eh! Já chegámos!

«Olarila! Põe-te a pau!»

— *João*, não me grites aos ouvidos. Vai ter com o teu amigo.

Obediente, *João* foi ter com o revisor que aparecera naquele momento, receando que se tivessem distraído. Ficou encantado com o corvo e fez-lhe uma festa.

— Cá estão em Óbidos! Espero que se divirtam muito!

— Faremos por isso.

Riram-se do ar desgostoso do revisor por os ver ir embora. *João* voou-lhe do ombro para o da dona.

— Então, não te despedes do teu amigo? Adeus!

— Vamos! — comandou Tó Jú, empurrando-os para a saída.

— Credo! Agora o *João* vai levar séculos até esquecer este barulho! — queixou-se Bia, tapando os ouvidos, pois *João* começava a imitar novamente o apito do comboio a entrar na estação.

— Cala-te, *João*! Daqui a bocado fico surdo!

João não lhe ligou nenhuma importância e continuou a imitar o apito do comboio, encantado.

As pessoas olhavam espantadas para *João*, mas depois começavam a rir ao ver as caras martirizadas dos quatro jovens.

— Se não te calas de vez, *João*, torço-te o pescoço!

João começou a rir às gargalhadas. «Caluda! Chiu! Maroto!»

Não puderam deixar de rir.

— Anda cá pró pé de mim, *João*! — pediu Daniel, com um risinho. Adorava aquele corvo tão descarado e brincalhão.

Saltaram para o chão e esperaram que lhes entregassem as bicicletas.

O comboio afastou-se numa curva e olharam entusiasma-

dos para cima. O imponente castelo erguia-se, altaneiro, diante dos olhos deles, rodeado de densa vegetação.

— Que lindeza de castelo! É um espetáculo! — exclamou Bia, com os olhos a brilhar.

Os outros concordaram com ela. Voltaram-se para a estação.

— Que pena estar assim às moscas! É tão bonita!

— Reparem na beleza dos azulejos!

— Alguém havia de fazer alguma coisa acerca disto. É muito mais agradável viajar de comboio do que de autocarro e não haveria tanta poluição. A paisagem aprecia-se melhor. Tenho a certeza que os turistas iriam adorar vir de comboio até cá e subirem em direção ao castelo por aquele caminho ali! — comentou Cris, muito sério.

— Os estrangeiros devem achar-nos muito palermas por não aproveitarmos as coisas bonitas que temos

— *Mui Nobre e Sempre Leal Vila de Óbidos!*

— Porque será que lhe chamarão assim?!

— Não faço ideia, mas havemos de descobrir. Como é que fazemos? Vamos diretos p'ra lagoa, ou ficamos por cá a ver as vistas?

— Eu por mim gostava de ir à vila. É uma beleza! — disse Bia, entusiasmada. — Sempre tive vontade de a conhecer!

— Não sei se não seria melhor irmos diretos para a lagoa. Não sabemos o tempo que demoraremos a lá chegar e não nos podemos arriscar a ir de noite, não acham? O mais sensato seria virmos cá amanhã de manhã, para podermos ver tudo com vagar — lembrou Tó Jú. — Além disso, estamos carregados que nem burros e nem apreciaríamos o passeio.

Os outros concordaram.

— Então, a caminho, malta! Toca a pedalar!

Puseram-se a caminho, seguindo sempre em fila indiana.

— Olhem que a lagoa ainda fica bastante longe de Óbidos

— observou Daniel, todo transpirado. — Pensava que fosse mais perto. Não sei por que cargas d'água tem o mesmo nome da vila, se fica tão longe.

— Fica muito longe, agora, mas antigamente a lagoa chegava ao sopé do castelo.

— Baril!

— Eu acho que já tenho fome — confessou Tó Jú que, como sempre, tinha um apetite devorador.

Os outros aperceberam-se do mesmo. Afastaram-se da estrada e encostaram as bicicletas a uma árvore. Começaram logo a remexer nas mochilas, tirando umas maçãs grandes e sumarentas. Dali a pouco tempo já estavam todos mais bem-dispostos.

— A vossa mãe arranjou-nos um lanche...! — exclamou Cris, deitando um olhar guloso à comida que se encontrava na sua mochila.

— Quem me dera que chovesse! — repetia Daniel que era o que suportava menos o calor.

Bia atirou-lhe com os restos mortais da sua maçã à cabeça, mas ele desviou-se.

— Palerma! Isso iria estragar-nos o passeio!

— Se continuarmos a comer assim, só teremos comida para um dia... — observou Tó Jú, com uma risada.

Riram-se e voltaram a montar nas bicicletas. *João* foi para o seu poiso habitual: o ombro da dona.

Começaram a pedalar e a cantar com todas as forças dos seus pulmões, de tal maneira que até *João* e a passarada das redondezas emudeceram...



CAPÍTULO II

Uma conversa noturna muito suspeita...

Ao virarem uma curva, a lagoa surgiu-lhes diante dos olhos. Pararam as bicicletas, extasiados perante tão grande extensão de água. Diversas plantas apareciam no meio dela.

— Puxa! É enorme! Nunca pensei que fosse tão grande!

— Eu também não.

— Estava a ver que nunca mais chegávamos! É longe à brava!

«Ora bem! Puxa!», fez *João*, parecendo plenamente de acordo.

Deslizaram pela estrada de terra batida com os pés fora dos pedais, tentando desviar-se dos muitos buracos e covas que por lá existiam e pararam diante da lagoa. Era imensa. Parecia nunca mais acabar.

Uma fiada de caravanas encontrava-se à beirinha da lagoa, mais perto e estariam dentro de água...; e havia carros estacionados aqui e ali, mimosas floridas com bonitas flores amarelas e também um bar com esplanada e, ao lado, uns baloiços que pendiam de uma enorme árvore.

Dois barcos estavam no meio da lagoa e pescadores pescavam à beira dela, em pé, calados que nem ratos, para não assustarem os peixes.

O chão naquele local, curiosamente, tinha imensas pedrinhas incrustadas na terra.

— Já viram o chão? Que pinta! — exclamou *Bia*, tentando arrancar uma pedra negra do chão com a biqueira da sapatilha.

«Que pinta!», gritou *João*, voando entusiasmado à frente deles.

Começaram a percorrer o caminho de areia, com a lagoa do lado direito e pinhal do lado esquerdo.

Bem mais à frente havia várias cabanas de palha.

— São bestiais, não acham? Para que servirão? Para os banhistas?

Tó Jú abanou a cabeça.

— Provavelmente, não. Talvez para os pescadores guardarem os aparelhos da pesca.

Passaram por uma tenda e continuaram caminho, empurrando as bicicletas. Descobriram uma clareira à beira da água, com a lagoa pela frente, acácias floridas do lado esquerdo e pinhal do lado direito e atrás.

— Olhem lá, que me dizem deste local para montarmos as tendas? — perguntou Cris, satisfeito.

— Fenomenal!

— É um bocado afastado dos outros, para podermos fazer barulho à vontade sem incomodar ninguém.

— Então, mãos à obra!

Atiraram as mochilas e os rolos dos sacos-cama para o chão e pouco depois já estavam as duas tendas montadas.

— Felizmente, as tendas são de fácil montagem — comentou Cris, olhando satisfeito para elas. — Que belos presentes!

— Estou moído — queixou-se Daniel, deixando-se cair no chão.

— Foi por andarmos tanto de bicicleta. Estávamos já desabitoados — observou Tó Jú, fixando a lagoa. Parecia um espelho. As águas mal se moviam.

— Acho que hoje já não me mexo mais — declarou Bia, deixando-se cair ao lado do primo.

— O melhor é comermos alguma coisa daqui a bocado e dormirmos. Assim, amanhã acordamos cedo e iremos a Óbidos — sugeriu o irmão, sorrindo do ar cansado deles.

— Acho que nem forças tenho para me levantar. Se calhar, durmo aqui mesmo — desabafou ela, parecendo a viva imagem do cansaço.

Os rapazes fitaram-na, trocistas.

— Isso quer dizer então que ficas aqui a guardar as coisas enquanto nós vamos dar uns mergulhos...? Até acho simpático da tua parte. Desta maneira não correremos o risco de nos roubarem os telemóveis!

Bia saltou como se tivesse molas.

Pouco depois, nadavam na lagoa, satisfeitos. Cris foi o primeiro a sair. Não gostava tanto de água como os outros.

Ao abrir a sua tenda para ir buscar uma toalha para se enxugar, apanhou a maior surpresa da sua vida. Dois garotos morenos, entre os quatro e os seis anos, encontravam-se lá dentro e pareciam ter estado bastante entretidos, pois estava tudo de pantanas. Mal o viram, desataram a fugir.

— Eh! Voltem aqui! — gritou, correndo atrás deles, furioso.

Eles foram-se refugiar junto de uma senhora gorda que saía da tenda, de cabelo apanhado no alto da cabeça, muito pintada.

— Que foi?

— Ele queria bater-nos, mamã! — informou o mais velho, mostrando uns dentes bastante estragados.

Ela virou-se para o rapaz em ar de desafio.

— Isso é mentira. Eles estavam dentro da minha tenda e remexeram tudo! Eu não lhes ia bater e não é que não merecessem...

Ela, em vez de lhes ralhar, abraçou-os.

— Coitaditos! São crianças muito curiosas — desculpou, com um sorriso muito doce.

— Isso não é desculpa. Devia proibi-los de mexer nas coisas alheias — respondeu Cris, muito vermelho.

Ela franziu o sobrolho, aborrecida, e voltou-lhe as costas. Os garotos fizeram-lhe caretas por detrás dela.

— Malcriados!

Voltou para junto dos outros que já estavam a apanhar sol, deitados sobre as toalhas.

— O que foi?

— Foram dois pirralhos mimados que se estiveram a divertir a mexer nas nossas coisas. Não estranhaste ver tudo desarrumado, Bia?

— Sim, mas como não és conhecido pela tua arrumação, pensei que tivesses sido tu à procura da toalha.

— A mãe dos garotos nem lhes ralhou nem nada! — comentou Cris, quase a deitar fumo pelas orelhas.

— Irritam-me essas pessoas. Não sabem dar educação aos filhos e deixam-nos fazer tudo.

— Eu que os veja novamente por aqui! Levam tal açoite que ficam com o rabiosque a arder! — ameaçou Bia, furiosa.

— Vamos esquecer isso agora, meninos. Não nos vamos chatear. Está um dia demasiado bonito! — disse Tó Jú, com preguiça, cruzando os braços por baixo da cabeça.

Estavam tão moídos que acabaram por passar pelas brasas, sentindo-se moles como papas. Foram acordados por uns gritos estridentes que os deixaram sobressaltados e com o coração aos saltos dentro do peito.

Os dois miúdos saltaram sobre as pernas deles, rindo trocistas. O mais pequeno desequilibrou-se e, em vez de pôr o pé no chão, pisou a perna de Bia que soltou um grito. Eles ainda se riram mais.

Nisto, *João* que estava perto da dona, deu uma valente bicada na perna do garoto, fazendo-o soltar um berro de dor. O irmão fez tenção de bater no pássaro, mas este foi mais rápido e bicou-o no braço, sem dó nem piedade.

Os garotos desataram a chorar aos altos gritos, correndo para os lados da tenda dos pais, parecendo foguetes.

Os quatro riram-se.

— Valente *João*! Muito bem! Vingaste-te bem! — elogiou Daniel, triunfante, fazendo-lhe uma festa na cabeça.

«Valente *João*! Ora bem! Maroto!», fez ele, andando de um

lado para o outro, parecendo muito satisfeito consigo próprio. Bicou uma pedra brilhante aos pés do rapaz, tentando retirá-la.

— A partir de agora, ficas encarregue de enxotar aquelas duas pragas daqui! Quando os vires, diz-lhes: «Xô, melgas! Xô!» «Xô, melgas! Xô! Arre! Safa!»

— Fizeste-a bonita, Daniel! Repara como o *João* ficou encantado com essa frase nova! Não me admirava nada que ele se pusesse a dizer isso a toda a gente...

Riram-se, divertidos.

— Disfarcem que vem aí a mãe das pestes — avisou Cris, semicerrando os olhos. — Finjam todos que estão a dormir!

— Foge, *João*! Xô! — pediu Bia, dando-lhe um piparote no rabo.

João levantou voo e dirigiu-se para o meio da lagoa onde estava um barco. Cumprimentou o pescador, delicadamente, o que deixou o homem de boca aberta de espanto. Mas acabou por estragar a boa impressão que causara ao agarrar o fio da cana de pesca com o bico, puxá-lo, furiosamente, e gritar «Xô, melgas! Xô!», para desgosto do pescador.

— Onde é que está o pássaro, *mon chéri*? — perguntou a senhora, com a voz muito doce. — *Pierre, mon petit, viens ici.*

— *Franceses de Alcochete!* — disse Daniel, em tom depreciativo.

Tó Jú, ao ver que os primos não tinham percebido, acrescentou:

— É assim que chamamos aos nossos emigrantes que quando vêm para Portugal se põem a falar noutra língua, em vez de falarem a língua deles. Só p'ra se armarem! E muitas vezes só dizem baboseiras!

A senhora andava por ali a ver se descobria *le grand oiseau noir*, como ela dizia em voz aguda e desagradável.

Ainda pensou em ir perguntar-lhes se tinham visto um

pássaro gigante que bicara as inocentes criancinhas, mas ao vê-los falar numa língua esquisitíssima que jamais ouvira falar, retrocedeu, intimidada².

Quando a viram afastar-se, riram-se, satisfeitos.

— Parece que não gostou de provar do próprio veneno!

— Só espero que não fiquem por aqui muito tempo. Iriam estragar-nos as férias!

— Não iremos descansados para lado nenhum a saber-mos que aquelas pestinhas estão por perto e podem voltar a atacar as tendas!

Depois de jantarem umas deliciosas sandes de carne com um molho saboroso e beberem um pacote de leite, desataram todos a bocejar.

— Que sono! — queixou-se Tó Jú, com um enorme bocejo. *João* também deu um e foi logo imitado pelos outros.

— Vamos deitar-nos — sugeriu Cris.

— E experimentar os nossos sacos-cama — acrescentou Daniel.

Correram todos para as tendas, quase se atropelando para lá chegarem mais depressa.

Momentos depois já estavam dentro dos sacos-cama, com uma parte da tenda entreaberta para verem o céu.

Estava uma noite muito agradável com o céu coberto de estrelas e uma Lua muito brilhante.

— Que pinta dormirmos ao ar livre! — observou Bia, alegremente. — Cris, mandaste a mensagem ao pai?

O irmão disfarçou um bocejo.

— O Tó Jú mandou. Combinámos revezar-nos para pouparmos as baterias dos telemóveis.

² Os primos estavam a inventar palavras, dizendo sílabas sem nexos nenhuns. Eu costumava fazer isso com amigas quando era garota, inventando sons novos. Logicamente, não era português, nem qualquer outra língua. Eram só sons esquisitos. (N. da A.)

«Ora vejam só!»

Os pequenos riram-se. *João* ficou encantado e riu-se espalhafatosamente.

— É fixe dormir num saco-cama! A partir de hoje, não vou querer outra coisa! — afirmou Daniel.

— A mãe vai ficar encantada com essa tua decisão. É menos uma cama p'ra fazer! — observou Tó Jú, bocejando alto sem o conseguir evitar. *João* imediatamente o imitou.

— Exagerado!

Os pequenos riram-se. *João* ficou encantado e riu-se também, alternando com bocejos muito ruidosos.

— Bia, vê se calas o *João*, senão amarro-lhe o bico — ameaçou Cris, preguiçosamente. — Estou a morrer de sono.

«Xô, melgas! Xô!»

Novas risadas que pareciam nunca mais ter fim.

— Boa-noite, meninos!

— Boa-noite!

«Ora vejam só!»

Ao fim de cinco minutos já dormiam, estafados por terem pedalado tanto e dos banhos na lagoa. Estava tudo no mais completo silêncio.

Cris acordou estremunhado a meio da noite, sem saber o que o acordara. O ruído de um avião afastava-se.

Deve ter sido o barulho do avião que me acordou..., pensou, sonolento.

Estava quase a adormecer quando viu dois vultos passarem pelas tendas, conversando em surdina.

— Não podemos continuar aqui. A lagoa tem demasiada gente, Margarido! — dizia um deles, acendendo um cigarro. — Temos de parar a *operação*.

— Malvados campistas! Nem penses que os vou deixar estragarem-me os planos! Temos de arranjar maneira de os expulsar daqui.

